



A FONOAUDIOLOGIA TRANSFORMA

VIDAS

**HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO CONTADAS NA
CAMPANHA DO DIA DO FONOAUDIÓLOGO 2015**

A Fonoaudiologia transforma vidas

O Dia do Fonoaudiólogo é o momento mais importante para nossa profissão. Comemorado no dia 9 de dezembro, foi instituído na data de criação do Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa) em 1983. Passados 32 anos, os resultados conquistados pelo CFFa e pelos Conselhos Regionais de Fonoaudiologia ajudam a área a garantir seu espaço como uma das mais importantes da saúde. Seja disciplinando, supervisionando e fiscalizando seu exercício, aprovando marcos e referenciais legais, seja estabelecendo os direitos, deveres e responsabilidades dos fonoaudiólogos.

Nos últimos anos, celebridades estrelaram a campanha. Ivete Sangalo e Reynaldo Gianechini cederam suas imagens de bom grado. Sentiram-se honrados em homenagear profissionais essenciais em suas trajetórias de sucesso. Contudo, em 2015, o Conselho queria comemorar de maneira diferente. Pensamos: quem melhor que os fonoaudiólogos para mostrar o quanto seus conhecimentos transformam a vida dos brasileiros? Assim, convidamos os quase 15 mil fonoaudiólogos do país para contar situações marcantes presenciadas em consultórios, hospitais ou emergências. Para isso, criamos um site exclusivo para a campanha: www.fonotransformavidas.com.br.

Maria Alice Rodrigues Cavalcanti, Cíntia Corrêa Blini e Mônica Azzariti foram escolhidas para vir a Brasília e contar em vídeo suas histórias. Em determinada ocasião da conversa, os pacientes retratados entraram no estúdio para agradecer pessoalmente as fonoaudiólogas pelo seu trabalho. Entre lágrimas, sorrisos e abraços, o que se viu pelas lentes das câmeras foram vidas transformadas, tanto pelo lado dos pacientes, quanto pelas profissionais. Sem dúvidas, o resultado emocionou a todos que assistiram a campanha na televisão e na internet.

Mas era preciso contar as incríveis histórias recebidas no site. E, por isso, para encerrar a campanha, criamos esta edição especial da Revista Comunicar. Para nós do Conselho Federal de Fonoaudiologia, elas são o retrato da dedicação que os fonoaudiólogos brasileiros empenham diariamente em seu ambiente de trabalho. Dessa forma, acreditamos que as ações do Dia do Fonoaudiólogo 2015 ajudaram a mostrar à sociedade que, cuidando da saúde da voz, audição e aperfeiçoando a escrita e a linguagem, a Fonoaudiologia é cada vez mais indispensável em consultórios e na saúde pública. Mais uma vez, parabéns a todos nós!

Ana Maria Gonçalves Poças

A história que marcou minha trajetória como fonoaudióloga não aconteceu no consultório e sim em minha própria vida. Formei-me em 2008, em Belo Horizonte. Escolhi a Fonoaudiologia sem saber o porquê. No decorrer da minha graduação, percebi que não me identificava tanto com as aulas, mas algo me dizia que eu tinha que terminar o curso e assim o fiz. Atuei como fonoaudióloga até uns três meses antes do meu filho Raul nascer, em 2013. Hoje sou mãe e fonoaudióloga em tempo integral do meu pequeno, que nasceu com fissura labiopalatina

transforame à esquerda. Após sete anos de formada, descobri que não poderia ter escolhido profissão melhor. Sou muito grata a Deus por ser mãe; por toda a trajetória na faculdade; incertezas; pacientes e empregos que tive. Por essa gratidão que sinto, hoje tenho um blog, o Fissurada na Maternidade. É por meio dele que mostro a forma real e descomplicada de lidar com a fissura labiopalatina e a maternidade. Sinto-me realizada por ajudar outras mães e papais e, até mesmo, os colegas de profissão com minhas vivências sobre essas questões.



Viviane Gilg da Silva Gonzalez

Atendi a Fernanda Matos, entre os anos de 2010 e 2011, quando ela me procurou para tratar de Disfonia, isto é, nódulos vocais. A paciente teve alta do tratamento e indicou meus serviços para os sobrinhos. Depois disso, mudou-se para o Chile para fazer pós-graduação e, no meu aniversário deste ano, enviou-me uma emocionante mensagem:

Querida,

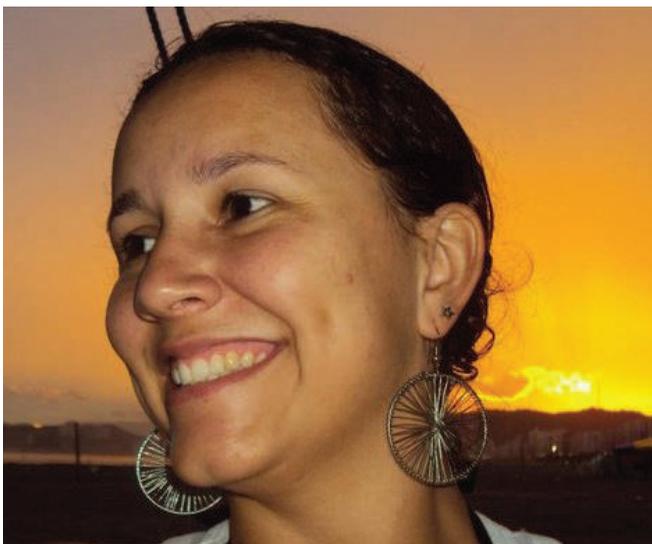
Parabéns, infinitas felicidades e benção para você e a sua família.

Muito obrigada pelo que tem feito pelo Henrique, viu? Deus a abençoe o suficiente para te dar as energias necessárias para continuar com o seu belo e eficiente trabalho. E olha que para o menino que vê com as mãos é necessário muita energia, né? Ontem mesmo estava arrumando uns papéis e encontrei a minha Fonoterapia. Tirei foto e passei para as minhas amigas professoras, afinal, a voz é o nosso instrumento de trabalho e temos que cuidar dele, né? A noite falei com a mamãe, e ela comentou que levou o Henrique e tals. Hoje me levanto e vejo no Facebook que é o teu aniversário.

Enfim, você apareceu em tudo kkk, só em coisas boas e ajudando as pessoas mesmo indiretamente/sem saber. Sinta-se agradecida pela sua existência e missão aqui.

Felicidades!!!!

Fiquei emocionada por saber que, mesmo após alguns anos, a Fernanda guardou e ainda utiliza os resultados do nosso trabalho, replicando os benefícios da Fonoaudiologia aqui no Brasil e fora também! Além do mais, agradecendo sinceramente pelo trabalho que desenvolvi. Respondi a ela que é esse tipo de depoimento que me faz ter certeza dessas escolhas!



Rosana Maria Almeida de Oliveira

Eis que em uma tarde de inverno entra em meu consultório uma senhora acompanhando uma garotinha: cabelos castanhos, olhos puxados e ansiosa para sair da sala rapidamente. Andressa Oliveira foi trazida à clínica porque não falava, só se comunicava por gestos. Nascida prematuramente de parto cesárea, sem queixa de audição e Emissões Otoacústicas Evocadas (EOA) – o Teste da Orelhinha – dentro da normalidade. Finalizei a anamnese, agendei o retorno da criança e traçamos nossa trajetória terapêutica rumo a muitos obstáculos, mas também conquistas.

Teste de linguagem infantil, listas de palavras, nada disso era eficaz, pois Amanda era resistente a tudo o que lhe propusera. Chorava, atirava objetos e gesticulava. Seu vínculo com a mãe e irmã era tão intenso que não conseguia ficar na sala apenas comigo. Comportamentos repetitivos, falta de contato visual, tendência a ficar isolada, brincadeiras padronizadas, intolerância ao ruído etc. levaram-me à hipótese de Transtornos do Espectro Autista (TEA). Falei com a mãe sobre o problema e, por três sessões, Amanda não compareceu. Sua mãe estava assustada e informando-se sobre o problema.

Recomecei o trabalho com Amanda e a família. Toda semana passava a eles tarefas com a criança, como executar brincadeiras simbólicas, introduzir brinquedos sonoros; também indiquei exercícios de praxia oral e fonemas bilabiais.



Amanda apresentava melhora nos aspectos fonológicos e pragmáticos e, assim, sua intenção comunicativa manifestava-se não apenas no consultório. Seu vocabulário foi ampliando, emitia palavras e frases com até duas palavras. Em torno da quinta sessão, a menina apresentava tolerância a ruídos, fazia contato visual e nenhum familiar permanecia na sala de terapia. Deixei-a alta assistida após 23 sessões.

Atualmente, ela faz acompanhamento multidisciplinar para fechar o diagnóstico. Se quisermos transformar vidas fazendo o que nos propusemos fazer, temos que descruzar os braços, resgatar livros empoeirados, aprimorar o que sabemos; e não podemos nos assustar se por acaso o resultado da transformação for a nossa própria vida.

Paulo Roberto Junior

Sou estudante e estou no último semestre de Fonoaudiologia. Escolhi o curso porque sou gago desde a infância e sempre quis entender por que isso ocorre comigo. Nesse caso, eu sou meu próprio paciente e meu próprio terapeuta. Ao escolher a profissão, a frase que mais escutei foi “você não vai conseguir, você é gago!”. Isso me machucava muito e até hoje dói ouvir, mas graças a Deus tenho pais que confiam em mim e são minha motivação para continuar. Se não fosse por eles, eu não teria chegado onde estou! Tive de enfrentar todos os meus medos na faculdade, principalmente o de falar em público, e admitir a minha

gagueira, coisa que até então eu não tinha feito. Minha turma sempre me apoiou nos seminários e sou muito grato a eles. Há três semanas enfrentei um dos meus maiores desafios: apresentei uma prévia do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em um auditório lotado. Fui até bem! Daqui a duas semanas, apresentarei para valer meu trabalho final. Estou nervoso, mas ao mesmo tempo orgulhoso de ter chegado tão longe. Espero formar-me e trabalhar com a reabilitação de pessoas que gaguejam, pois sei o que elas passam. Essa foto que escolhi é uma homenagem aos meus pais, que são a minha base.



Francieli Trevizan Fernandes Tonelotti

Acredito que a Fonoaudiologia é capaz de mudar vidas, assim como ela mudou a minha e da minha Família. Graças à essa profissão que escolhi e desempenho com tanto amor, podemos ter melhor qualidade de vida. Atendo uma paciente com Paralisia Cerebral e recebi uma declaração de sua mãe que muito me emocionou e quero compartilhar. Leiam:

“Ao pedir um relatório de Fonoterapia me surpreendi, pois parecia que eu estava lendo uma carta do Senhor me dizendo: ‘aqui estão as melhoras de sua filha’. Então, ao ler foi muita emoção. Escutar dela ‘mamãeeeeee’ o dia todo e agora até meu nome, de seu papai e irmãos. Nossa, são tantas as evoluções! Lembra, Francieli Trevizan Fernandes, o primeiro atendimento, em que cheguei cheia de dúvidas e incertezas? Chorei muito e você sempre me falou desde o primeiro momento: ‘ela vai falar porque vamos começar a estimular desde pequena!’ Foi como se você profetizasse. Deus é



maravilhoso! Tantas bênçãos! Fran, Deus pôs você aquele dia em nossas vidas. Por isso, você tem grandes coisas para fazer na Fonoaudiologia! Você me passa confiança e luz! Enfim, te amamos pela pessoa e pela profissional que é, Tia Fran!”

Maria Alice Rodrigues Cavalcanti

Há 11 anos sou fonoaudióloga da Liga Norte Riograndense Contra o Câncer, em Natal/RN. Assistindo aos pacientes com câncer de cabeça e pescoço, asseguro que as tristezas, dores e perdas diversas são lições de superações e muitas outras possibilidades de exercer a Fonoaudiologia buscando contribuir com uma reabilitação eficaz e de qualidade. Ao longo da minha caminhada na Oncologia, muitas histórias marcaram e apresentaram significados especiais para mim, mas, aqui, compartilho parte da história do sr. Cosme Pereira dos Santos, 47 anos e três anos de cirurgia. Iniciou

treinamento com voz esofágica sem sucesso, sendo indicada, após avaliação fonoaudiológica, a laringe eletrônica, que fez uso durante esses três anos conseguindo ultrapassar todas as dificuldades e se permitindo a novas alternativas de reabilitação. Há seis meses colocou a prótese traqueoesofágica e conseguiu ser reabilitado após três tentativas falhas. A história do sr. Cosme mostra que insucessos podem ocorrer no primeiro resultado, mas podem ser os motivadores para outras tentativas, desde que o acreditar na capacidade de superação seja o norteador de um recomeço. A

reinserção social que já vinha acontecendo ganhou espaço a partir da sua reabilitação vocal. Hoje ele participa de um coral, retornou ao trabalho e até foi pai novamente. O sr. Cosme vem ampliando amizades e legitimando-se enquanto um paciente que, apesar das perdas em decorrência de um câncer de laringe, tem buscado dar um novo sentido à vida. Assim tenho vivido minha prática profissional, acreditando que vale muito estar ao lado dos pacientes oncológicos, acolhendo, reabilitando e acreditando cada vez mais nas histórias que transformam vidas cotidianamente.



Flávia Regina Filgueira Tamarindo



Emociona-me falar como a Fonoaudiologia transformou a vida de Bárbara de Alencar Cruz, 84 anos. Uma senhora com Alzheimer que apresentava engasgos e dificuldade de comunicação. Ao chegar a sua casa, vi aquela senhora pequenina, aparentemente frágil sobre os braços da filha Graça, como um bebê sendo ninado no colo da mãe. Por eu trabalhar nas áreas de linguagem e voz, logo falei: a área da disfagia não faz parte da minha prática. Fui interrompida por Graça que disse: “Flávia, a fonoaudióloga de mamãe tem que ser você. Queremos que ela tenha a melhor qualidade de vida possível”. Confesso que tive momentos de insegurança, afinal, nunca tinha atendido um idoso com dificuldades de deglutição. Bárbara precisava da Fonoaudiologia e

minha profissão, mesmo sendo ampla, é uma só. Aceitei o desafio! Ela fumava cigarro sem filtro e aos poucos substituiu pelo pirulito. Não usava prótese dentária e realizava movimentos de lábios e língua bem favoráveis à estimulação. Registrei vídeos, fotos e contatei colegas e ex-professores para sanar dúvidas. Naquele ambiente familiar muito amoroso permaneci por pouco mais de dois anos, cuidando, orientando a família, estimulando dona Bárbara, que respondia muito bem aos estímulos e nos surpreendia a cada dia. Ela mantinha a força dos músculos orofaciais que ajudavam fundamentalmente nos momentos de alimentação. Aquela senhora pequenina, frágil do início da história, tinha na realidade o sistema estomatognático mais forte e funcional que já conheci. Atingimos o objetivo de promover uma melhor qualidade de vida à Bárbara. Orgulho-me de saber que ela se alimentou via oral até o último dia de vida, sem nunca ter precisado usar sonda para alimentação. Ela partiu após uma inspiração profunda quando estava nos braços da bendita Graça, acompanhada dos filhos e do médico. Quando aliamos a ciência Fonoaudiologia ao apoio da família, tudo se transforma, e a gente segue a caminhada feliz, fazendo o que a gente ama. Eu amo ser fonoaudióloga.

Cíntia Corrêa Blini

Em 2012, a professora Rosângela Souza foi encaminhada ao Cerest Macro-norte e diagnosticada pelo otorrinolaringologista com nódulos em pregas vocais (sem a filmagem da laringoscopia) e disfonia havia três meses. Segundo ela, o médico a havia aconselhado trocar de função porque “não seria possível suportar as atribuições da profissão”. Isso gerou um estresse e aflição muito grande na paciente. Rosângela estava passando por estágio probatório, atuava como educadora infantil em uma escola municipal há dois anos, além de cantar em um coral da igreja, atividade que lhe trazia muito prazer. Iniciei o tratamento com indicação de repouso vocal (afastamento do trabalho), acompanhamento psicológico e nova avaliação com outro otorrino. As sessões terapêuticas iniciaram após o segundo diagnóstico, com a filmagem da laringo: laringite (edema e irregularidades nas pregas vocais) e fenda triangular posterior. A adesão da paciente foi de suma importância, em três meses seu quadro clínico evoluiu e já foi recomendada a alta pelo otorrino. Foram realizadas mais sessões para orientação de higiene vocal e exercícios de aquecimento/desaquecimento vocal, sem nunca ser necessário abandonar a profissão. Em virtude do caso da Rosângela,



iniciou-se um ciclo de palestras para a Secretaria de Educação dos municípios de abrangência do Cerest, com apoio da psicóloga e da médica do trabalho do Centro, focando a saúde vocal e mental dos professores. Escolhi a história da “Profi Rô” pela sua superação e batalha por continuar trabalhando no que sempre foi seu maior sonho. Além disso, foi meu primeiro desafio na reabilitação em saúde do trabalhador, justamente com uma educadora, profissão pela qual tenho respeito e carinho. Desde então, a área da saúde do trabalhador tornou-se uma paixão, estou me especializando na UFRGS, custeado pelo Cerest e com apoio importantíssimo da maravilhosa equipe do centro. Rosângela foi uma sementinha que gerou vários frutos, o principal deles sendo o trabalho preventivo junto aos professores dos 52 municípios de abrangência do Cerest Macro-norte.

Maria Carolina Lizana Monreal

Meu filho Luca nasceu prematuro de 26 semanas e ficou 84 dias na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Ele teve todas as intercorrências de um prematuro quanto ao ganho de peso, dificuldade para desmame de respirador, alimentação, entre outras. Quando finalmente o levamos para casa, passou uma semana, apresentou um forte refluxo e teve uma broncopneumonia aspirativa (BCP). Liguei para o médico, pois já imaginava que seria esse o problema, ele pediu para fazer o raio X e o resultado confirmou minha suspeita. Durante o exame ele chorou muito e em casa ainda estava bastante dispneico, ou seja, com dificuldade para respirar.

Por sorte Luca tinha uma sessão de fisioterapia marcada, mas quando a profissional começou a atendê-lo, a saturação estava muito baixa, preferimos ir ao hospital. A fisioterapeuta dirigindo o carro e eu no banco de trás tentava reanimá-lo. Acredito que meu conhecimento em disfagia fez toda diferença nesse caso. Outra pessoa na mesma situação poderia ter levado o bebê só no dia seguinte, visto que a pediatra já havia dito anteriormente que eu, sendo fonoaudióloga especialista em disfagia, estava exagerando no diagnóstico. No entanto, meu conhecimento ajudou a salvar meu filho. Hoje, o Luca tem 10 anos e nenhuma sequela.



Camila Soares de Souza

Rodrigo é uma criança que possui um diagnóstico médico raro e por isso terá parte de seu desenvolvimento comprometido. Devido à raridade do caso, seu prognóstico é incerto. Ele fez fonoterapia comigo há quatro anos e logo de início apresentava um comportamento muito difícil devido a sua comunicação limitada, nem balbucios expressava. Com o passar dos meses consegui alcançar os objetivos terapêuticos iniciais. Hoje ele está com 12 anos, ainda apresenta muita dificuldade na fala, mas houve um avanço significativo na forma de se comunicar, seja ela gestual, seja monossilábica. A criança consegue desenvolver uma vida social em sua escola e família, e suas limitações na fala tornaram-se apenas uma pequena porção de todo o seu atraso. Conseguimos desenvolver uma relação prazerosa, de vir à terapia não somente como obrigação ou necessidade, mas por amor e amizade!

Rodrigo é um caso de que a Fonoaudiologia transforma vidas, fazendo com que o indivíduo tenha prazer em viver em sociedade mesmo com suas limitações.

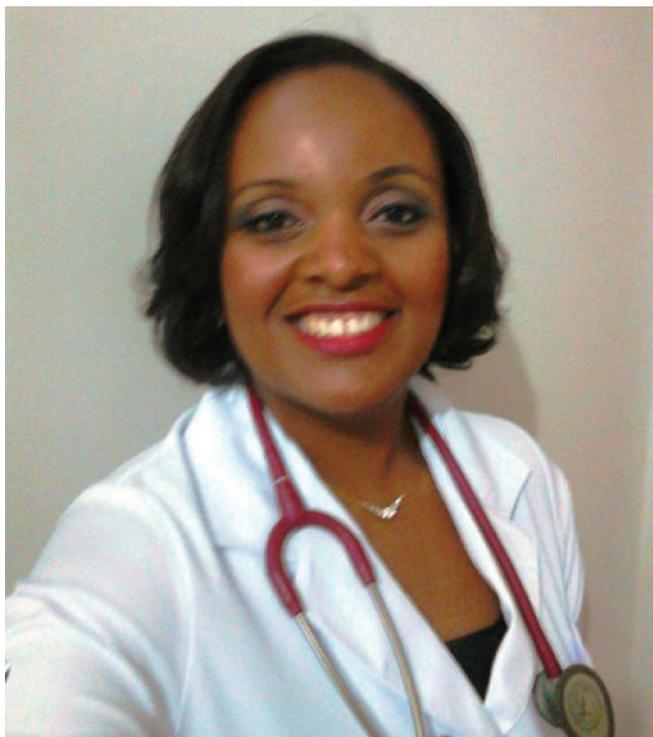


Ivone Maria Rodrigues Marques

Em meados de 2003 recebi em meu consultório Verusca Lino da Silva, jovem e recém-formada em Biomedicina. Sua queixa era gagueira e por isso apresentava insegurança e angústia. No decorrer da avaliação ela foi se soltando e falando de seus medos. A terapia durou alguns anos e, no final, foi orientada a retornar se fosse necessário. Passado algum tempo ela me procurou dizendo que queria voltar, porque havia entrado no

curso de Medicina e em sua universidade havia muitos estudos de caso. Hoje ela é médica, atua na região de Ilhéus e está fazendo especialização em Pediatria. Verusca vestiu a camisa sobre o que é e como vencer a gagueira. Ela até formou um grupo no Facebook e no WhatsApp para discutir o tema.

Aquela jovem insegura se tornou uma médica que vai além de sua área de atuação, também dedica-se a vencer a gagueira.



Conceição Salomão Dantas

O paciente Bernardo Bello nasceu de parto cesáreo em julho de 2013, tendo alta com alimentação exclusiva no seio materno. Após 19 dias de nascido, deu entrada em outra maternidade (UTI Neonatal), após sofrer sete paradas cardiorrespiratórias. Quando estava com três meses de vida, meus cuidados fonoaudiológicos foram solicitados. O quadro era neurológica TCC – Encefalopatia Multicística, poupando apenas os núcleos da base, dilatação dos ventrículos supratentoriais, RM – encefalopatia cística, insulto isquêmico, hemorragia intraparenquimatosa e ectasia ventricular. Conclusão: 1% de função cerebral. Minha contratação era particular e durou um mês devido às muitas restrições impostas pela maternidade. O meu parecer foi que Bernardo deglutia, não sendo necessário o uso da Gastronomia GTT, contrariando o que era defendido pela unidade de saúde. Os pais ouviram-me e transferiram a criança para outro hospital. Bernardo já estava com quatro meses de vida quando foi avaliado por mais seis fonoaudiólogos da instituição. Nessa unidade concordaram com o meu parecer e ele foi liberado com alimentação via oral, concordando que não havia necessidade de GTT. O paciente nunca mais foi internado, nunca fez aspiração, nunca teve pneumonia e hoje se reabilita no hospital da Rede SARAH no Rio de Janeiro. O trabalho fonoaudiológico por mim realizado foi a estimulação da sucção

por meio dos exercícios oromiofuncionais. Hoje, Bernardo tem dois anos e seis meses e ainda acompanho seu desenvolvimento. Seu quadro mostra evolução gradativa.



Kariane Eliza Souza

Trabalhei com um grupo de mães de crianças com deficiência que atendo na Unidade Básica de Saúde (UBS). Durante dois anos, comecei a perceber que as mães estavam “necessitando” de atenção. Percebi que estavam tão voltadas para o cuidado com o filho, que faziam disso (e só disso), o motivo de sua existência. As mães se mostravam frequentemente cansadas, abatidas, com “cara de ponto de interrogação”. Decidi abrir um espaço para que elas pudessem falar de si mesmas, sentir seus próprios sentimentos, desejos e dúvidas, sem medo, pressa ou culpa. Meu objetivo foi que voltassem a se ver como mulheres e não somente como mães, ou seja, pudessem se perceber e perceber a vida, afinal, elas mesmas concluíram que isso não estava acontecendo. Assim sendo, planejei seis encontros com outros

profissionais que se uniram a mim nessa causa. Os dois primeiros encontros foram realizados com a presença da psicóloga da UBS, norteando uma conversa sobre sentimentos de ser mãe e ser responsável por alguém que precisa de mais dedicação do que era imaginado. No terceiro encontro, o fisioterapeuta falou que o método Pilates é um superaliado ao cuidado com a coluna, além de tornear o corpo feminino. No encontro seguinte, com a nutricionista, elas aprenderam que existem muitos alimentos que trazem saúde para o filho, para a família, mas principalmente ajudam a eliminar a gordura localizada, a terrível celulite e que fazem seus cabelos e pele brilharem ainda mais. No penúltimo encontro, a enfermeira chamou a atenção para a saúde feminina. Além disso, tão importante quanto as con-

sultas mensais, semestrais e anuais de seus filhos, seus exames ginecológicos também eram fundamentais. Para encerrar esse ciclo de cuidados, as mães foram conduzidas a um centro de estética, onde receberam orientações sobre cuidados pessoais, além de receberem um “Dia de Princesa”. Após esses encontros, começaram a me contar as mudanças que as vidas delas tomaram. Viva!



Maria Carliene Ribeiro da Costa

Em março de 2011, comecei a atuar na Educação e por lá encontrei várias crianças especiais que estavam excluídas. Os professores falavam que elas não aprendiam. Fiquei indignada e comecei a fazer um trabalho de inclusão com a ajuda do Ministério Público e do serviço social, o que obrigou a instituição de ensino a aceitar as crianças na escola. Ainda assim, continuavam excluídas. Uma supervisora entrou em atrito comigo falando que as crianças não aprendiam e só dormiam se tomassem remédio. Então, fiz um trabalho com eles e hoje estão quase todos incluídos

na escola regular. Nessa ocasião, também atendi as irmãs gêmeas Caroline e Raquel. Caroline é autista e a irmã apresenta dificuldade de aprendizagem. Iniciei trabalhando no comportamento, coordenação e, posteriormente, alfabetização junto aos professores. Foi uma vitória para todos. Os profissionais ficaram surpresos com o desenvolvimento das meninas. Tenho várias histórias, além dessas, e músicas que eu criei para trabalhar a prevenção em todas as áreas de um indivíduo, porque o corpo do ser humano deve ser trabalhado como um todo.



Ana Celia de Oliveira Gonçalves

Elizabete é um bebê que fez dois anos de idade cronológica no dia 29 de novembro de 2015. Nasceu de parto normal e viveu como um bebê normal até os dois meses de idade.

Com três meses de vida, por uma fatalidade, sua mãe (usuária de drogas), adormeceu no momento em que aconteceu uma repentina enchente que alagou sua casa, carregando o indefeso bebê. Quando foi socorrida pelos vizinhos, estava já quase morta, porque havia ingerido muita água contaminada e suja e, por consequência, teve uma hidrocefalia e Acidente Vascular Encefálico (AVE). Os vizinhos a trouxeram



para Porto Velho/RO, onde ficou na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Infantil Cosme e Damião (HICD) e mais dois meses na enfermaria, acompanhada pelo pai. O conselho tutelar foi acionado e o juiz deu a guarda da neném ao Lar do Bebê, onde permaneceu até janeiro deste ano. Sua guarda foi pedida pelo abrigo da Casa Família Rosetta, onde ela mora atualmente com mais cinco pessoas especiais.

Eliza, como a chamamos carinhosamente, não anda, não fala, não come pela boca, sua alimentação é oferecida pela sonda gástrica. Quando chegou ao centro de reabilitação, onde trabalha como fonoaudióloga, ela estava muito hipotônica e hipersecretiva, devido ao dilatação dos pulmões. Hoje é uma criança linda, fofíssima, deglutindo saliva, com tônus mais firme, já emite sons guturais, sons isolados e comunica-se com expressão facial, ao sorrir, olhar para porta, responder virando-se à fonte sonora, quando é chamada pelo nome, vive sorrindo.

O trabalho realizado com Elizabete é de vários profissionais, como fisioterapeuta, terapeuta ocupacional (esporadicamente) e fonoaudiólogo. As estratégias de Fono abrangem um todo, não só motricidade orofacial e linguagem, mas também vários auxílios ao fisioterapeuta que faz a parte motora e respiratória com aspiração. Sua idade neurológica hoje é de um bebê de três a quatro meses de idade, mas ela tem nos surpreendido com as respostas motoras. Seu prognóstico é cheio de possibilidades, apesar da sequela.

Mônica Azzariti



Devido a uma solicitação do Comandante das UPPs, foi criada uma instrução sobre estratégias de uso da comunicação no contexto policial. Ensinar o policial a falar com a comunidade de forma a evitar e/ou resolver conflitos foi um desafio, pois a instrução faz parte de um contexto maior que inclui aulas de tiro, abordagens etc. Após ministrar a instrução para pouco mais de 2.000 homens alocados em UPPs tidas como “bandeira vermelha” (consideradas de risco), o resultado foi surpreendente. Os policiais avaliaram a instrução de forma muito positiva, sendo “muito bom” a avaliação majoritária nos questionários preenchidos por eles. Com isso, a Fonoaudiologia mudou a vida de uma centena de policiais, na sua maioria soldados, que descobriram mais uma ferramenta de trabalho, uma estratégia que pode beneficiar

sua atuação profissional, diminuir o estresse e mediar conflitos. Agora levantamentos estão sendo feitos no intuito de contabilizar se o número de prisões por desacato e desobediência diminuiu com as instruções de treinamento em uso da comunicação. A disciplina foi reconhecida como instrumento essencial dentro da doutrina da Polícia de Proximidade, passando a fazer parte agora do curso de formação de soldados, fato inédito na história da PMERJ. Como fonoaudióloga, dediquei-me ao trabalho de forma voluntária, atendendo as necessidades de uma instituição que vem tentando melhorar sua imagem diante de novas ações e novas condutas. O objetivo é treinar o efetivo de 9.500 homens que compõem as Unidades de Polícia Pacificadora para que utilizem a comunicação como ferramenta nesse processo de pacificação.

Rosely Monteiro

Amanda Kist, HD surdez bilateral de grau severo a profundo, iniciou atendimento comigo em 2005. Tinha dois anos e seis meses. Quando os pais chegaram até a mim, estavam fragilizados, preocupados. Será que ela vai falar? Eles me perguntaram como seria o atendimento, o que eu iria fazer. Eu só me lembro de que eu disse uma frase muito forte, pois minha intenção era dar segurança a eles, passar confiança de que tudo iria dar certo, que eles ficassem tranquilos. Eu disse: pais, o possível eu faço, o impossível eu vou atrás. Só sei dizer que a Amanda falou e daí veio a dúvida dos pais: Ela vai ler e escrever? Novamente eu dei minha palavra de honra e com seis anos lá estava ela lendo e escrevendo melhor que muitos de seus coleguinhas da mesma idade. Lembro-me de cenas de birras normais para a idade, mas que muitos pensavam ser devido à surdez. Eu dizia: Edna, a mãe, não é por causa da surdez, toda criança faz isso, mas a mãe fazia a intervenção. Amanda não teve problemas de comportamento. O único comportamento foi imitar-me no quesito vaidade. Jamais comparecia ao atendimento sem estar penteada e bem-vestida. A mãe dizia: ela é assim por sua causa! E de fato gostamos dos mesmos assuntos, como, por exemplo, moda. Esse é um fato que comprova que a Fono transforma

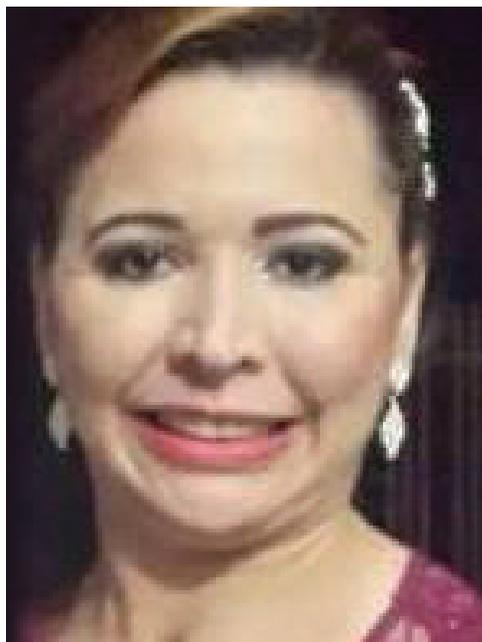
vidas. Quando a Amanda fez dez anos, os pais fizeram uma grande festa de aniversário e junto uma demonstração pública de agradecimento ao meu trabalho fonoaudiológico. Foi um momento emocionante na minha carreira. Eles estavam no centro. O pai, a mãe e a Amanda com um enorme buquê de rosas vermelhas (minha cor predileta). A mãe ainda me disse: A Amanda disse que tinha que colocar brilho, porque você gosta de brilho. A todos os pacientes que cruzaram minha estrada, cuja relação sempre evoluiu para amizades eternas, o meu muitíssimo obrigado em nome da Fonoaudiologia brasileira.



Paciente Amanda Kist

Sibele Renata Pais

O momento marcante em minha vida profissional foi o atendimento de uma paciente de 28 anos que, após acidente automobilístico, teve Traumatismo Craniano Encefálico (TCE). Ela ficou em coma por três meses. Com seis meses de acidente retornou a casa onde morava com o marido, filha pequena e uma sobrinha que amava muito. Respirava e se alimentava por sondas. Por volta de três meses de atendimento fonoaudiológico domiciliar emitia os sons de algumas vogais. E em um certo dia de atendimento fonoaudiológico que estava agendado para as 15h50min, logo quando cheguei soube que a sobrinha fazia aniversário, comecei a cantar “parabéns pra você” e, após perguntar à paciente se não iria falar nada para a sobrinha, pois emitia os sons de algumas vogais, naquele momento o relógio apontava 16 horas, de repente como um milagre ela falou “feliz aniversário, Mariana”. Fiquei deslumbrada, costumava levar meu álbum articulatório na bolsa, logo o peguei e comecei a perguntar o nome das figuras do álbum. A paciente falava exatamente tudo. A família ficou exaltada, começou a chorar, ligar para os familiares espalhando a notícia e chamando-os para presenciar o que de fato estava acontecendo. Enquanto isso, saí do quarto para deixá-la a sós



Paciente Daniane Faccio

com o esposo e comecei a conversar com a aniversariante, de apenas 11 anos de idade. Essa garota tinha muita fé e me falou que pediu a Deus que não queria nada de presente, somente que a tia falasse “feliz aniversário” no horário em que ela havia nascido, às 16 horas. Fiquei emocionada e admirada com a fé da criança e com o progresso da atuação fonoaudiológica.

Bruna dos Santos

“O olhar do profissional precisa ir além do contexto patológico/terapêutico, abordando contextos familiares, indicadores sociais, não atuando sozinho” (CUNHA, 2005). Me chamo Bruna de Mello dos Santos, sou fonoaudióloga em Santa Catarina. Em abril de 2013, iniciei na área clínica, no município de São Bento do Sul/SC, com atendimentos fonoaudiológicos e exames, onde atuo até hoje. Nesse mesmo mês, recebi no consultório a Mayara, uma menina de 15 anos, acompanhada dos pais, que tinha recém-saído de uma cirurgia de pólipos vocais. Ainda me lembro de seu olhar. Estava assustada, preocupada, ansiosa pelo que ainda estaria por vir. Disse para ela: “Mayara, fique tranquila! Você não terá a voz que tinha antes. Sua voz será muito melhor”. Iniciamos com exercícios específicos de voz falada, atuando no método objetivo, mas faltava algo. Foi aí que apliquei o melhor método terapêutico: a escuta. A frase de Cunha nunca foi tão clara como naquele dia. Saímos da relação terapeuta-paciente e criamos um laço mais forte de confiança e cumplicidade. Mayara se abriu e falou o que mais a incomodava e seus anseios. Desse dia em diante garanti a ela todos os recursos que estavam ao meu alcance. Passamos a elaborar juntas uma estratégia e aplicamos na sua rotina e estilo de vida os exercícios. Após alguns meses, sua

qualidade vocal estava progredindo dentro do esperado e, no mês de dezembro, Mayara estava pronta para voltar a cantar e brilhar com sua linda voz. Foi baseado nessa visão que as atividades foram realizadas, indo além da patologia, abordando sim a questão da voz, mas de forma subjetiva, apresentando os resultados esperados. “O processo de recuperação foi difícil e muito árduo, pois tratava-se de uma pessoa que estava acostumada a se comunicar facilmente, que praticava o canto e que naquele momento mal podia falar. Em muitas ocasiões chegamos a chorar juntas, pois requeria um esforço da minha parte e o apoio dela também, mas vencemos” – Mayara Xavier, 2015.



Paciente Mayara Carvalho Xavier

Danielle Beatriz

Nasci no início dos anos 1980 no interior de Minas Gerais com fissura palatina. Na época meus pais me levaram em vários médicos e dentistas na minha região, mas ninguém sabia ao certo o que era e nem como se tratava, até que alguém sugeriu uma clínica particular em Belo Horizonte. Minha família se reuniu, juntou o dinheiro e pagou para fazer a cirurgia toda particular, foram dias de vitória que só iniciavam. Após um mês de completo repouso retornei e, para minha felicidade e da minha família, a cirurgia foi um sucesso e somente com uma intervenção cirúrgica foi possível corrigir a fissura.

A partir daí voltei eufórica para minha cidade e fomos encaminhados para a única fonoaudióloga da região, que acabara de chegar em minha cidade. Foram várias sessões e a cada novo dia que eu saía de lá percebia que as pessoas passavam a entender tudo que eu falava e eu ficava mais feliz. Na época eu tinha cinco anos, mas me incomodava muito ter que falar e somente meus pais entenderem. Quando as demais pessoas passaram a me entender eu passei a ver aquela mulher como alguém maravilhosa que me ajudava a realizar meu sonho de falar e todos me entenderem. O tratamento

terminou, recebi alta, mas na minha memória sempre ficou marcada aquela pessoa que me ajudou, me ensinou a me comunicar e a ser uma pessoa “normal”. Após vários anos uma das faculdades particulares da minha cidade divulgou que faria vestibular com bolsas de estudo para o curso de Fonoaudiologia, não pensei duas vezes, fiz a prova, passei e comecei a fazer o curso do meu sonho.

Mas, como os desafios só vêm para quem tem força para superar, logo no início do 1º período uma professora da instituição me procurou e disse que eu não poderia fazer o curso porque eu havia tido fissura e, como consequência, eu ainda tinha uma voz um pouco nasal, e que eu teria que desistir do curso.

Chorei, lutei, batalhei e mostrei para todos que ninguém melhor que eu que já

havia passado por isso e superado para saber como é importante incentivar seus pacientes.

Fiz, durante os quatro anos de curso, terapia de voz e em 11 de dezembro de 2010 colei grau. Hoje sou fonoaudióloga realizada e amo o que faço, pois sei muito bem o papel que represento na vida de cada um dos meus pacientes. Amo o que faço. Fonoaudiologia por amor!



A fonoaudióloga
Danielle Beatriz

Carine Cruz

Confesso que naquele dia encontrava-me muito desmotivada e estava pensando numa solução profissional (financeiramente falando) quando o meu celular tocou. Para a minha surpresa, era uma professora minha pedindo o endereço do consultório para me indicar para uma amiga. Naquele momento a minha desmotivação começava a sumir. Logo em seguida o celular tocou novamente e era Ana. Marcamos a sessão.

No dia marcado, conheci pessoalmente Ana e Valdir. Percebi que eram pais preocupados em busca de informações e orientações sobre o caso do seu filho. O relato deles descrevia uma criança com características do espectro autista. E um relatório enviado da escola reforçou ainda mais essa possibilidade na cabeça daqueles pais. Após colher dados da anamnese e dar todas as orientações possíveis para o momento, deixei marcada para a próxima semana a primeira sessão de avaliação do seu filho. Conheci então o Lucas, um menino de três anos e seis meses, prematuro, gemelar. Começou a falar aos três anos. Era muito tímido, mas demonstrou ser apaixonado por carinhos. Os dados da avaliação apresentaram alterações fonológicas, semânticas e pragmáticas. Não observei traços autísticos e acabei fechando um diagnóstico de atraso de fala. Após três meses de terapia, Lucas apresentou evoluções... Já superou as alterações pragmáticas e semânticas, dados que já se encontram dentro do esperado para a idade. O Lucas veio

para me dar uma injeção de ânimo, pois por meio do meu trabalho eu pude (e posso) dar a ele a possibilidade de evoluir e desenvolver a comunicação. Com muitas orientações aos pais e muita brincadeira nas sessões eu posso dizer que tenho orgulho do meu trabalho. Orgulho de ser fonoaudióloga. A Fonoaudiologia não transforma somente a vida dos pacientes e dos familiares, mas também transforma a vida do próprio profissional a cada dia. A Fonoaudiologia me transformou e me fez lembrar o juramento que fiz. Tenho um amor incondicional à minha profissão!

Carine Cruz





II ENCONTRO DA COMUNICAÇÃO HUMANA HOMENAGEIA A FONOAUDIOLOGIA E TRATA DE TEMAS IMPORTANTES PARA A PROFISSÃO

Rose Maria – repórter

O Dia do Fonoaudiólogo foi comemorado em grande estilo no II Encontro da Comunicação Humana (eFONO) – Jornada de Fonoaudiologia 2015. Realizado no dia 4 de dezembro, no auditório da Universidade Veiga de Almeida (UVA), campus Tijuca, Rio de Janeiro, o evento contou com a presença de 300 fonoaudiólogos e estudantes que tiveram a oportunidade de

discutir novas abordagens para a profissão. O encontro contou ainda com o esquete teatral *Fono*, da Companhia de Teatro de Quatro Mulheres. Um jantar no Brasa Gourmet, também na Tijuca, zona norte do Rio, fechou a programação.

“Todos juntos, profissionais junto ao seu Conselho, gestores e o Legislativo, precisam caminhar lado a lado para termos a Fonoaudiologia que o usuário quer e precisa”, afirmou Lucia Provenzano (CRFa 1-1700),

presidente do Crefono 1, durante a mesa de abertura, que também foi composta por Monica Marins (CRFa 1-5479), representante do Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa); Rita Leniza (CRFa 1-8832), coordenadora do curso de Fonoaudiologia UVA Tijuca; Flávia Monteiro de Barros, secretária municipal de Educação, Ciência e Tecnologia de Niterói; Cida Vidon, da Secretaria Municipal de Saúde do Rio; e José Mauro de Oliveira, assessor da Comissão de Educação da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj).

A primeira mesa-redonda, sob moderação de Viviane Marques (CRFa 1-10022), debateu o tema “Cuidados Paliativos sob a ótica da Fonoaudiologia”. Participaram também o fonoaudiólogo Márcio Moreira (CRFa 1-12372), a fisioterapeuta Daniele

Florentino e o médico Filipe Gusman, coordenador da Regional Sudeste da Academia Nacional de Cuidados Paliativos. “Não tem como fazer assistência em saúde se não pensar em equipe. A complexidade é muito grande. Ainda bem que existem profissionais diferentes, com suas especialidades”, disse Gusman. Para ele, a tecnologia é bem-vinda nesse campo, mas é preciso saber usá-la. “Precisamos ter noções de outras ciências na nossa formação. Antes de tudo, conhecer a pessoa e a doença. Para ajudar a preservar a vida, é preciso estabelecer vínculos”, completou.

A mesa de abertura reuniu fonoaudiólogos, gestores e representante do Legislativo do estado





Precisamos sempre estar expandindo nosso horizonte, conhecendo a instituição e trabalhando a consciência fonológica desde a Educação Infantil”

**Roberta Ângelo (CRFa 1-13631),
fonoaudióloga**

Coordenadora da pós-graduação em Fonoaudiologia Hospitalar da UVA, Viviane Marques, ao encerrar a mesa, falou da importância de se respeitar a vontade do paciente, independentemente dos recursos terapêuticos disponíveis. “Não invadir é ter cuidado, saber respeitar. E para respeitar, é preciso conhecer”, completou.

Sob moderação de João Lopes (CRFa 1-7536), Mariete Pires (CRFa 1-9282) explicou como a estimulação transcutânea vem ajudando a reabilitação nas disfonias e até mesmo no fortalecimento vocal. “A técnica favorece o condicionamento físico, traz resistência, força, auxilia na cicatrização de lesões e ainda tem efeito analgésico”. Segundo ela, o trabalho é todo baseado na fisiologia da laringe. “Mas uma coisa não substitui a outra: o ideal é associar a eletroterapia às terapias convencionais para promover melhor qualidade de vida”, ressaltou Mariete Pires.

A fonoaudióloga Roberta Ângelo (CRFa 1-13631), tendo como moderadora Monica Marins, trouxe sua vivência em Fonoaudiologia Educacional para o debate. “Precisamos sempre estar expandindo nosso horizonte, conhecendo a instituição e trabalhando a consciência fonológica desde a Educação Infantil”, disse. Para a profissional, sempre há questionamento dos pais sobre a assistência em saúde dentro da escola, mas que a legislação ampara e protege o fonoaudiólogo, que pode explicar, assim, o limite de sua atuação. A fonoaudióloga passou, então, a citar questionários e triagens aplicados em diferentes ciclos e o trabalho em parceria com

professores e na área pedagógica. A representante do CFFa, Monica Marins, alertou os fonoaudiólogos e acadêmicos que, em relação à Fonoaudiologia Educacional, o Conselho Federal vem realizando um amplo esforço nacional, com a criação de possíveis novos postos de trabalho nessa área. “Façam seus projetos porque os resultados já poderão ser observados em 2016”, brincou.

No início da tarde, nova mesa-redonda, sob moderação de Fabricia Lois (CRFa 1-11260), abordou o Transtorno do Espectro Autista, reunindo a psicóloga Camille Ferraz, a terapeuta ocupacional Isabel Scicínio e a fonoaudióloga Fernanda Mesquita (CRFa 1-12722). Camille discutiu a validação brasileira do PEP3 (Perfil Psicoeducacional 3) e suas contínuas revisões desde 1990, até a pesquisa em curso na Universidade Federal Fluminense (UFF) sobre o tema, enquanto Isabel focou na consolidação das experiências sensoriais na Terapia Ocupacional (TO). “TO não é passatempo, não é brincar pelo brincar, não é recreação. A terapia ocupacional provoca para a realização de ações. Melhora o desenvolvimento, a experiência e a criatividade da criança. Não estou preocupada só com funcionalidade, mas com a organização desse paciente. Nosso trabalho é estimular o ser produtivo e autônomo”, relatou, frisando que sua atuação se soma à da Fonoaudiologia na organização corporal e na ampliação das experiências sensoriais e comunicativas.

Por sua vez, Fernanda Mesquita analisou a comunicação e a linguagem no autismo.



Terapia ocupacional não é passatempo, não é brincar pelo brincar, não é recreação. Melhora o desenvolvimento, a experiência e a criatividade da criança. Nosso trabalho é estimular o ser produtivo e autônomo”

**Isabel Scicínio,
terapeuta ocupacional**





O público, formado por profissionais e estudantes de Fonoaudiologia, acompanhou atentamente as discussões

“A criança precisa da atenção compartilhada, que antecede a fala. O autista tem a atenção compartilhada defasada. Por isso, antes da fala, precisamos incentivar a interação social e, para isso, é fundamental ter a família ao nosso lado. Não podemos nos fechar para outros saberes”, salientou. Fabrícia Lois completou: “O trabalho trans, inter e multidisciplinar é essencial para conseguirmos desenvolver as habilidades do autista”.

Adriana Amaral (CRFa 1-6596), sob moderação de Gladis dos Santos (CRFa 1-4075), ambas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), analisou os benefícios da contação de histórias à luz da Neurociência e o ambiente de leitura em casa como fator de estímulo e prevenção de problemas de linguagem e, depois, de aprendizagem. “A linguagem é importante no desempenho escolar, rompendo o vínculo vicioso da pobreza”, alertou.

A última mesa de debates, sobre geriatria, contou com as fonoaudiólogas Susi Latt (CRFa 1-1777) e Monica Marins, sob moderação de Isabela Poli (CRFa 1-6867). Os temas foram “audição como estímulo cognitivo do idoso” e “neurociências e envelhecimento”. Susi Latt lembrou que hoje o idoso busca melhorar sua qualidade de vida por meio de exercícios físicos e atividades sociais, entre elas a inclusão digital, tarefas que exigem demanda comunicativa e audição funcional. “Pesquisas demonstraram que a estimulação auditiva

ajuda a prevenir o declínio cognitivo. Descobriu-se que o déficit auditivo é um dos fatores de isolamento social. Por isso há a necessidade de serem criados protocolos para avaliação auditiva em idosos”, sugeriu. Monica Marins encerrou a jornada científica apresentando aspectos da plasticidade adulta do cérebro. “A memória não está no neurônio, mas no circuito. Com estímulos no ambiente, o cérebro continua sendo lapidado. A emoção é o principal modelador da memória”, informou.

Artes cênicas

A Companhia de Quatro Mulheres apresentou a todos com um esquete teatral em homenagem à Fonoaudiologia. Em *Fono*, as atrizes Andrezza Abreu, Elea Mercúrio, Laura Prado, Lorena Comparato e Luana Lemes apresentaram, com recursos corporais, vocais, bom humor e irreverência, a evolução da Fonoaudiologia desde a pré-história. Assista o esquete teatral **aqui**.

Rita Leniza, em nome da UVA, agradeceu a presença de todos e disse que o evento deixou-a ainda com mais orgulho de ser fonoaudióloga. Lucia Provenzano, presidente do Crefono 1, assinalou que o II EFONO alcançou seu objetivo de, além de ser um presente pelo Dia do Fonoaudiólogo, ampliar a visão sobre a atuação da Fonoaudiologia e demonstrar como é importante a participação de todos na construção da educação e saúde de qualidade.

ENCONTRO DE PROFISSIONAIS DE CLASSE COMEMOROU O DIA DO FONOAUDIÓLOGO

Fabiana Regiani Costa – CRFa 2-15354





Gazeta

No dia 9 de dezembro de 2015, o CRFa 2ª Região/SP promoveu um encontro com os profissionais da classe para comemorar o Dia do Fonoaudiólogo e refletir sobre temas de interesse da profissão, como ética, gestão e liderança. A abertura do encontro contou com a participação do coral *Sua Voz*, criado pelo A.C.Camargo, que dá espaço a pacientes laringectomizados. O grupo, coordenado pela fonoaudióloga Elisabete Carrara de Angelis, abriu o evento com o Hino Nacional Brasileiro.

Em nome do 10º Colegiado, a presidente do CRFa 2ª Região/SP, dra. Thelma Costa, deu as boas-vindas aos convidados e parabenizou a todos pelo Dia do Fonoaudiólogo, lembrando que as comemorações celebram 34 anos da regulamentação da

Acima, Diretoria do CRFa 2ª Região/SP e abaixo, Gerente Daniela Vitoriano recebe homenagem



Gazeta





Gazeta



Gazeta

1. Assessora da Diretoria Miriam Omori, homenageada
2. Presidente do CRFa, dra. Thelam Costa, realiza abertura da Solenidade
3. Apresentação do coral *Sua Voz*



Gazeta



*Honrem seus
órgãos de
representação,
honrem a cédula
do Conselho,
respeitem seus
representantes,
seus
colaboradores e
principalmente
respeitem a
Fonoaudiologia”*

**Dra. Thelma Costa,
presidente do CRFa 2ª Região/SP**

profissão e de muitas histórias e conquistas. A mesa de abertura contou com a presença da fonoaudióloga Ana Elisa Moreira Ferreira, representante da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. Na sequência, a presidente apresentou a retrospectiva do trabalho realizado durante o mandato do 10º Colegiado. Entre outras ações, ganhou destaque o fortalecimento da categoria no estado de São Paulo, como um dos objetivos da gestão, e elencou ainda as atividades realizadas pelos conselheiros, as quais foram apresentadas em vídeo.

Após o relato dos acontecimentos, o público foi agraciado com a palestra “Ética, Gestão e Liderança”, ministrada pelo dr. Mario Sérgio Cortella, que debateu a temática e propôs aos participantes uma reflexão sobre suas trajetórias profissionais. Como acontece todos os anos, o CRFa 2ª Região/SP prestou homenagem a duas funcionárias que auxiliam com maestria o funcionamento do Conselho: Daniela Victoriano – gerente e Miriam Yuriko Okuda Omori – assessora de Diretoria.

Para finalizar o encontro, Thelma Costa agradeceu aos conselheiros que compõem a equipe do 10º Colegiado e frisou aos participantes: “honrem seus órgãos de representação, honrem a cédula do Conselho, respeitem seus representantes, seus colaboradores e principalmente respeitem a Fonoaudiologia”. Após fechamento da sessão solene, a festividade continuou com um delicioso coquetel e muitos encontros!



Jantar Florianópolis/SC

CIDADES DO PARANÁ E SANTA CATARINA COMEMORAM O DIA DO FONOAUDIÓLOGO

Paulo Cesar Amante – repórter

Alegria, simpatia, sabor e descontração marcaram as festividades em comemoração ao Dia do Fonoaudiólogo, em dezembro de 2015. Na oportunidade, o Conselho Regional de Fonoaudiologia da 3ª Região homenageou com o “Troféu Amigos da Fonoaudiologia” profissionais que se destacaram em suas áreas de atuação e contribuíram para o fortalecimento da classe. “Foi uma forma singela de gratidão e reconhecimento aos relevantes serviços prestados à comunidade e à profissão por profissionais que não medem esforços para enaltecer a Fonoaudiologia”, afirmou o presidente do Crefono 3, Francisco Pletsch.

Em Curitiba, o número de participantes superou as expectativas. Fonoaudiólogos e familiares prestigiaram o evento realizado no Restaurante Velho Madalosso. Foram homenageados o dr. Gerson I. Khöeler, ortodontista que sempre prestigiou e apoiou as causas



Presidente Francisco Pletsch do Crefono 3, fonoaudióloga dra. Marileda Catelan Tomé, prof. da UNIVALI/SC, fonoaudióloga Joseane Borges, vice-presidente do Crefono 3



Fonoaudiólogas funcionárias da Prefeitura Municipal de Joinville/SC com Francisco Pletsch, presidente do Crefono 3

da Fonoaudiologia; o fisioterapeuta Alysso Fernando Briel; e as fonoaudiólogas dra. Ângela Ribas e dra. Bianca Arruda Manchester de Queiroga, presidente do 11º Colegiado do CFFa, na ocasião representada pela fonoaudióloga Giselle Kubrusly Sypczuk.

Em Londrina, o jantar foi na Pizza Movie, patrocinado pela Telex e SIMENS, e contou com adesão de inúmeros profissionais e do vereador convidado Vilson Bitencourt. A delegada Rosiani C. Bezeze Hussein representou o Conselho, que homenageou a fonoaudióloga Ana Carla Sitta com o “Troféu Amigos da Fonoaudiologia”.



Fonoaudiólogas dra. Ângela Ribas e conselheira fonoaudióloga Jozélia Duarte



Fonoaudióloga Giselle Kubrusly, representante do CFFa e a conselheira fonoaudióloga Jozélia Duarte

Rosiani agradeceu a participação de todos e ressaltou a importância da união de classe. Maringá reuniu num jantar, além de fonoaudiólogos, otorrinolaringologistas e odontólogos professores do curso de Fonoaudiologia da UNINGÁ.

A homenageada foi a fonoaudióloga Eliane Seemann Bernardi, coordenadora do Curso de Fonoaudiologia da UNICESUMAR, que recebeu o “Troféu Amigos da Fonoaudiologia” das mãos da conselheira fonoaudióloga Marta Essuane Jarrus Tanabe.

Joinville optou por um café da manhã e reuniu dezenas de fonoaudiólogas funcionárias da Prefeitura Municipal de Joinville. Após o café, Francisco Pletsch, presidente do Conselho, que também compareceu na maioria das demais comemorações,





PC. Amante

Fonoaudiólogos(as) no jantar em Curitiba/PR

palestrou sobre “Biossegurança” para vinte e cinco profissionais de Fonoaudiologia. Os participantes elogiaram o Crefono 3 por ter prontamente aceitado o convite. Francisco elogiou a organização do evento e a Prefeitura Municipal de Joinville, que tem um número expressivo de fonoaudiólogas na rede municipal.

A maratona comemorativa teve seu encerramento em Florianópolis reunindo dezenas de profissionais. O evento homenageou a fonoaudióloga dra. Elisa Gomes Vieira, do Centro de Pesquisas de Oncologia do CEPON-SC e a fonoaudióloga dra. Marileda Catellan Tomé, professora da UNIVALI-SC. As homenageadas receberam das mãos do presidente

e vice-presidente do Conselho, sr. Francisco Pletsch e sra. Josiane Borges, o “Troféu Amigos da Fonoaudiologia”. Logo após o encontro, um jantar foi servido e brindes foram sorteados entre os presentes.

“Nós que estamos à frente dos trabalhos junto ao Crefono 3 queremos agradecer a receptividade e a adesão que tivemos em todas as regiões pelas quais passamos. Obrigado a todas as conselheiras e conselheiros, todas as profissionais das Delegacias, enfim, a todos que se envolveram para que o nosso dia 9 de dezembro, Dia do Fonoaudiólogo, fosse coroado com esses encontros maravilhosos muito bem representados nas imagens”, finalizou o presidente, Francisco Pletsch.

SÉRIE DE EVENTOS CELEBRA A FONOAUDIOLOGIA NOS ESTADOS DO NORDESTE



Ascom CHIA

**Fórum em
Pernambuco
debate o futuro da
Fonoaudiologia**

Maurício Junior – repórter

O Dia do Fonoaudiólogo é comemorado em 9 de dezembro, mas nos estados de Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Sergipe as festividades começaram no início de dezembro e se estenderam até o dia 11. Em Pernambuco, no dia 8, foi realizado o evento “Fonoaudiologia – uma área promissora”. Promovido pela IDE Cursos, em parceria com o Crefono 4, contou ainda com o apoio

dos departamentos de Fonoaudiologia das três instituições de ensino superior do Recife – Funeso, Unicap e UFPE. Na ocasião, a presidente do Crefono 4, Sandra Maria Alencastro, enalteceu o poder transformador que a Fonoaudiologia provoca nas pessoas. “Nessa transformação, a Fonoaudiologia, por meio de suas técnicas e processos, possibilita que o indivíduo escreva, degluta, fale, leia, respire, mastigue, escute, vocalize, enfim, se comunique melhor”, discursou.

Sandra Maria Alencastro fez uma analogia entre a Fonoaudiologia e a ciranda, dança típica do Nordeste. “A ciranda é considerada uma das mais suaves e belas danças do Brasil. Tradicionalmente realizada em círculos, girando sempre para a mesma direção, de mãos dadas, permitindo aumento de força e energia entre os participantes. A grande roda vai absorvendo, de forma eclética, sem qualquer impedimento de idade, raça, cor, religião, sexo ou classe social, as pessoas que

se prontificarem a participar. Assim como na ciranda, exercendo a Fonoaudiologia podemos de mãos dadas estar mais envolvidos e compartilhar momentos de amor, doação, ajuda, crescimento profissional e, sobretudo, de transformação das pessoas”.

A presidente do Crefono 4, Sandra Maria Alencastro, enalteceu o poder transformador que a Fonoaudiologia provoca nas pessoas





Participação do fonoaudiólogo Thiago Ferreira no Sergipe Notícias

O seminário contou também com palestras da presidente do Conselho Federal de Fonoaudiologia e professora do curso de Fonoaudiologia da UFPE, Bianca Queiroga (Fonoaudiologia na Docência), e das fonoaudiólogas Fernanda Lima (Fonoaudiologia na Perícia e Assistência Técnica Trabalhista, Civil e Criminal), Luciana Lucena (Fonoaudiologia do Trabalho), Bruna Resende e Cleiton Miguel (Empreendedorismo em Fonoaudiologia), Taciana Luna (Fonoaudiologia nas Forças Armadas) e Luciana Studart (Fonoaudiologia no tratamento do Ronco e Apneia Obstrutiva do Sono).

O Dia do Fonoaudiólogo também foi intenso em Alagoas. Estudantes fizeram de tudo um pouco para divulgar a profissão para toda a população de Maceió, por meio de

orientação à comunidade e panfletagem nos ônibus. Na Paraíba, a Universidade Federal da Paraíba e o Centro Universitário de João Pessoa – realizaram duas grandes ações levando à sociedade as diversas áreas de atuação da Fonoaudiologia.

Mídia

Nos meios de comunicação, o Dia do Fonoaudiólogo foi bastante movimentado. As fonoaudiólogas pernambucanas Tatiana Cavalcanti e Ana Karenina participam, no dia 9 de dezembro, do programa Assunto do Dia, na Rede Brasil. Na pauta, gagueira e dificuldades de linguagem. Por sua vez, a fonoaudióloga e presidente do Crefono 4, Sandra Maria Alencastro, participou de um bate-papo com o professor de oratória Abelardo Borba no Programa Consultório de Graça Araújo, da Rádio Jornal Pernambuco, com a jornalista Graça Araújo.

O fonoaudiólogo Thiago Ferreira, de Aracaju/SE, participou do Sergipe Notícias, com a jornalista Valquiria Miron. Na pauta, as comemorações do Dia do Fonoaudiólogo. “Fiquei muito contente ao ler e ver coisas incríveis, hoje, de colegas de profissão, ex e atuais alunos, colegas de trabalho não fonoaudiólogos e pacientes, compartilhando energia positiva e reconhecimento profissional. Crescemos muito em números e desenvolvimento da ciência, mas ainda temos muito a percorrer. Por esses motivos é que o orgulho em exercer a Fonoaudiologia com dedicação e compromisso só aumenta!”

I ENCONTRO DE INTEGRAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA COMEMORA O DIA DA PROFISSÃO

Silvia Ramos – CRFa 5-121

A presidente conselheira do Crefono 5, Silvia Maria Ramos, participou, no dia 11 de dezembro, do I Encontro de Integração Fonoaudiológica. O evento em homenagem ao Dia do Fonoaudiólogo foi promovido pelo Centro de Reabilitação e Readaptação Dr. Henrique Santillo (CRER), hospital que oferece atendimento humanizado e especializado em reabilitação às pessoas com deficiência física, auditiva, visual e intelectual pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

O Encontro ofereceu dez palestras com temas relacionados à profissão. Entre eles, “A Amamentação em Bebês com Distúrbios Orofaciais”, ministrado pela fonoaudióloga Marianna Barros. “É muito importante para nós fonoaudiólogos nos reunirmos e crescermos juntos. Estou feliz em participar do evento e deixar minha contribuição sobre a amamentação, que é extremamente importante para todo bebê, principalmente para aqueles com mais dificuldades no



Presidente do Crefono 5, Silvia Ramos participa de homenagem ao Dia do Fonoaudiólogo

desenvolvimento neuropsicomotor com distúrbios orofaciais”, destacou.

No período vespertino, um dos temas apresentados foi “Apraxia de Fala na Infância”, ministrado pela fonoaudióloga Renata Mamede. “Apraxia é um distúrbio neurológico que afeta o desenvolvimento da fala da criança. O tratamento consiste em terapias e técnicas que ajudam a criança a desenvolver esse sentido”, explicou Renata. Em todos os temas expostos, os fonoaudiólogos tiveram a oportunidade de tirar dúvidas, discutir o assunto e trocar experiências. Ao final, todos receberam certificado de participação.

Para a realização do evento, além do Crefono 5, o CRER contou com o apoio de diversas instituições: HUGOL, HDS, PUC-Goiás, APAE Goiânia, Access Rehab, Fono Spot, Pestalozzi-Goiânia, Holos Clínica e a Sindifono.

DIA DO FONOAUDIÓLOGO COM GRANDES COMEMORAÇÕES NA 6ª REGIÃO

Isadora Dantas – repórter

Cumprindo a tradição, o Crefono 6 organizou várias ações comemorativas para o Dia do Fonoaudiólogo. As festividades iniciaram ainda no mês de novembro, quando o Conselho Regional reuniu fonoaudiólogos e acadêmicos para discutir a inserção dos fonoaudiólogos no mercado de trabalho. Durante os debates, a fonoaudióloga Ana Maria Parizzi (CRFa 6-765) levou a prática profissional e sua história pessoal para exemplificar aos

colegas como a Fonoaudiologia pode ser inserida nos mais diversos campos profissionais. A gestora de pessoas Maria Abreu falou sobre a importância de uma postura profissional adequada para o mercado de trabalho e também para entender o que o mercado espera dos profissionais.

“Crefono 6 vivenciando histórias”, em comemoração ao Dia do Fonoaudiólogo, em Belo Horizonte/MG



O debate foi conduzido pela jornalista da Rádio CBN Lilavati Oliveira. Além da rica discussão, os fonoaudiólogos participaram de dinâmicas e foram presenteados com uma exibição cultural de Stephanie Marie, uma jovem de 22 anos com Síndrome de Down que finalizou as atividades matutinas com uma bela apresentação de dança. No período da tarde, os fonoaudiólogos puderam participar de workshops com temas escolhidos por eles por meio de votação no site do Crefono 6. Os preferidos foram: “Bandagem em Fonoaudiologia”, ministrado pela fonoaudióloga Camila Dantas Martins (CRFa 6-4704), e “Afasia, Disartria, Apraxia”, a cargo da fonoaudióloga Aline Campanha (CRFa 6-2768).

O evento “Crefono 6 vivenciando histórias” ocorreu no dia 21 de novembro em parceria com o Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, que cedeu o espaço para a realização. A data também foi escolhida para o lançamento do projeto “Fono em Minha Vida”, que visa levar às redes sociais histórias reais de pessoas que obtiveram sucesso profissional ou pessoal por intervenção da Fonoaudiologia. Qualquer fonoaudiólogo da 6ª Região pode participar, basta acessar o site do Crefono 6 e se informar.

Campanha “Você transforma vidas”

A Campanha do Sistema de Conselhos para comemorar o Dia do Fonoaudiólogo teve uma repercussão jamais vista na 6ª



Ascari Crefono 6

Workshop Bandagem em Fonoaudiologia. Todos os participantes tiveram um momento prático

Região. Durante todo o dia 9 de dezembro, fonoaudiólogos de todo o regional acessaram os vídeos da campanha e deixaram suas impressões fortemente emocionadas nas redes sociais do Órgão. A fonoaudióloga Juliana Preisser (CRFa 6-4493) comentou em um dos vídeos: “Parabéns ao Sistema de Conselhos (Crefono 6 e Conselho Federal de Fonoaudiologia) pela belíssima campanha! É emocionante! Parabéns pelo nosso dia!”. Outros fonoaudiólogos marcaram seus colegas nas publicações e também clientes e pacientes marcaram seus fonoaudiólogos, gerando uma rede de reconhecimento e agradecimento.

DIA DO FONOAUDIÓLOGO REUNIU ESTUDANTES E PROFISSIONAIS DA ÁREA EM PORTO ALEGRE

Cibele Avendano – repórter

O Conselho Regional de Fonoaudiologia da 7ª Região promoveu, no dia 9 de dezembro, no Auditório da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, a VI Edição do Seminário Comemorativo ao Dia do Fonoaudiólogo. O evento reuniu cerca de 200 convidados entre estudantes e profissionais e teve como tema central as Alternativas de Comunicação na Ausência da Fala.

O ponto alto do seminário foi a palestra com a dra. fga. Carolina Schirmer, que destacou que as trocas comunicativas são fundamentais para o ser humano, necessárias para o viver em comunidade e para o desenvolvimento e manutenção das relações sociais. Ela falou ainda que existem algumas pessoas que não conseguem se comunicar por apresentarem dificuldades para falar e escrever e, nesse momento, o atendimento fonoaudiológico com alternativas de comunicação se faz essencial. “A comunicação é um processo contínuo que ocorre ao longo de todas as atividades diárias.”

O VI Seminário Comemorativo ao Dia do Fonoaudiólogo também apresentou relatos de experiências em Comunicação

Aumentativa e Alternativa com crianças com encefalopatia crônica e com transtornos do espectro do autismo. Ao final do evento, todos foram convidados a participar do coquetel destinado aos homenageados, que contou com sorteios e uma belíssima apresentação de dança flamenca.



Palestra sobre Comunicação Alternativa como campo de atuação do fonoaudiólogo, com a fga. dra. Carolina Schirmer

FONOAUDIÓLOGOS DO CEARÁ, PIAUÍ, MARANHÃO E RIO GRANDE DO NORTE CELEBRAM A PROFISSÃO

Thaiane Firmino – repórter

Para comemorar de forma ainda mais intensa o Dia do Fonoaudiólogo, a equipe do Conselho de Fonoaudiologia da 8ª Região contou com iniciativas de lazer, homenagens e eventos destinados ao enriquecimento profissional da categoria. Os estados do Ceará (CE), Piauí (PI), Maranhão (MA) e Rio Grande do Norte (RN) fizeram parte da empreitada e contribuíram para a promoção da profissão.

Em Natal/RN, a data festiva foi comemorada com o projeto Conselho Itinerante. O presidente do Crefono 8, Charleston Palmeira, e a fonoaudióloga fiscal do Conselho, Michelle Pontes, participaram de uma palestra na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que teve como público estudantes e professores da Instituição. Na sequência, aconteceu o Congresso Interdisciplinar de Fonoaudiologia, na sede da Universidade Potiguar (UNP), onde foram abordados temas relacionados à missão da categoria frente à sociedade.



Fonoaudiólogas Ana Gláucia Vasconcelos e Adriana Ítala Arruda em evento festivo no Hospital Geral Waldemar Alcântara



Charleston Palmeira, presidente do Crefono 8, palestrando sobre o panorama da Fonoaudiologia no Brasil

O Conselho Itinerante também passou pelas terras piauienses. Dessa vez, quem abriu as portas foi a Faculdade de Ensino Superior do Piauí (Faespi) e o Centro Universitário Uninovafapi. Na oportunidade, além de esclarecer sobre o papel do Conselho no cotidiano do fonoaudiólogo, o presidente entregou carteiras e cédulas aos profissionais do estado. O senso de realização ficou evidente na satisfação dos fonoaudiólogos no ato de recebimento do documento.

“Movimentar” foi a palavra de ordem nas comemorações do Dia do Fonoaudiólogo no Crefono 8. No Maranhão, os profissionais participaram da 2ª edição de uma caminhada que promete se tornar tradição. Segundo a organizadora do evento e membro do Crefono 8, Karol Dutra, o segredo do sucesso é realizar tudo com amor. “Obrigada a todos que ajudaram e se dispuseram a fazer uma linda festa em nome da nossa profissão”, agradeceu.

Na capital cearense, a largada para as comemorações foi dada em um passeio ciclístico. O calor não desmotivou a turma e eles garantiram que pretendem repetir a dose em 2016. “Foi show! Amei!”, afirmou sorridente a fonoaudióloga Ceane Eugênio. Outras comemorações também aconteceram na cidade. A Faculdade de Tecnologia Intensiva (Fateci) desenvolveu um ciclo de palestras e atividades artísticas na tradicional Semana de Fonoaudiologia, que aconteceu nas dependências da Instituição. A Universidade de Fortaleza (Unifor) também dedicou espaço



Participantes do projeto
“Pedala Fono” – Fortaleza/CE

Angelo Crefono 8

No Maranhão, fonoaudiólogos participaram de caminhada para comemorar a data



Angelo Crefono 8

para homenagear os estudantes e profissionais da área. O evento contou com apresentações, distribuição de brindes e um caraoquê para estimular o uso da voz.

Com a intenção de destacar a importância do papel do profissional de Fonoaudiologia na promoção da saúde, foi realizada uma sessão na Câmara Municipal de Fortaleza (CE). A solenidade foi uma menção honrosa pelos serviços prestados à população. A proposta foi feita pela vereadora Cristina Brasil e realizada pela vereadora Ruthimar Xavier. Na oportunidade, estiveram presentes fonoaudiólogos e estudantes, além de representantes do Crefono 8. “Uma homenagem como essa é a oportunidade de aproximar a Fonoaudiologia desta Casa Legislativa”, afirmou o presidente do Conselho, Charleston Palmeira.

Outra iniciativa marcante ficou por conta do núcleo de Fonoaudiologia do Hospital Geral Waldemar de Alcântara (HGWA). Em uma manhã dedicada a palestras e à socialização, o evento agregou

nutricionistas e psicólogos. “É importante entendermos algumas práticas da Fonoaudiologia para que possamos desenvolver atendimentos transdisciplina-

res com maior eficiência”, destacou a psicóloga Michelle Esmeraldo. O evento contou com a participação da coordenadora de Fonoaudiologia do HGWA, Adriana Ítala; das fonoaudiólogas Cláudia Muniz e Araciana Pinto, além da gerente de terapias do Instituto de Saúde e Gestão Hospitalar (ISGH), Adriana Oliveira.

Na ocasião, foram homenageadas as fonoaudiólogas Salete Fontenele e Darcy Sucupira. Ambas têm um histórico de empenho na luta pelo fortalecimento da profissão no estado. Para Sucupira, o momento é de retrospectiva e felicidade.

“Eu só tenho que agradecer a essas fonoaudiólogas brilhantes e que não deixam de me causar orgulho, pois muitas delas foram minhas alunas. É o maior presente da minha vida. Se eu morrer hoje, eu estou feliz”, disse emocionada.



*É importante
entendermos
algumas práticas
da Fonoaudiologia
para que possamos
desenvolver
atendimentos
transdisciplinares
com maior
eficiência”*

Michelle Esmeraldo, psicóloga



SISTEMA DE CONSELHOS FEDERAL
E REGIONAIS DE FONOAUDIOLOGIA

CFFa – 11º COLEGIADO

Gestão Abril 2013 a Abril de 2016

Presidente: Bianca Arruda Manchester de Queiroga

Vice-Presidente: Maria Cecília de Moura

Diretora-Secretária: Solange Pazini

Diretor-Tesoureiro: Jaime Luiz Zorzi

Assessora da Comissão de Divulgação

Suzana Campos MTB 4390527

CONSELHOS REGIONAIS

Gestão Abril 2013 a Abril de 2016

Crefono – 1ª Região

Presidente: Lucia Provenzano

Vice-Presidente: Mônica Karl

Diretora-Secretária: Katia Santana

Diretora-Tesoureira: Vanessa Jurelevicius

Crefono – 2ª Região

Presidente: Thelma Regina da Silva Costa

Vice-Presidente: Kelly Cristiane D'Amelio Pedroso

Diretora-Secretária: Monica Petit Madrid

Diretora-Tesoureira: Silvia Tavares de Oliveira

Crefono – 3ª Região

Presidente: Francisco Pletsch

Vice-Presidente: Josiane Borges

Diretora-Secretária: Jozélia Duarte B. P. Ribas

Diretor-Tesoureiro: Celso G. dos Santos Júnior

Crefono – 4ª Região

Presidente: Sandra Mª Alencastro de Oliveira

Vice-Presidente: Silvia Damasceno Benevides

Diretora-Secretária: Mercia Mª Quintino Silva

Diretora-Tesoureira: Viviany Andrea Meireles Alves

Crefono – 5ª Região

Presidente: Silvia Maria Ramos

Vice-Presidente: Maria do Perpétuo Socorro de Sousa